

ÉTICA E BIOÉTICA

*Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen**

1. *Ética.*

Neste estudo, embora seja bem conhecida a grande variedade de definições e descrições do campo de estudo filosófico que é chamado “Ética”, - entre outras podem ser apresentadas:¹

- Estudo sistemático sobre conceitos relativos ao bem e ao mal; supõe-se que nasceu quando o ser humano começou a refletir como seria a melhor de viver e conviver. Esta descrição remete às comunidades primitivas, enquanto educadoras e formadoras, com seus tabus e suas normas.

- O hábito ou a arte de fazer o bem, que torna bom aquilo que é feito e aquele que o faz;

- O estudo do comportamento humano, visando a sua valorização. São atribuídos valores ao agir humano, através de uma avaliação, baseada em determinados critérios, ou coordenadas e referências que se inspiram tanto na autonomia como na heteromania humana;

Neste estudo, entretanto, trabalha-se com o seguinte conceito, ou a seguinte definição, de Ética:

Ética é um estilo de vida, um modo de ser que, fundamentado na razão e na livre escolha, procura pela prática das virtudes ou forças positivas realizar a plenitude do nosso ser e assim atingir a felicidade e o nosso bem-estar.²

Olhando a história humana, encontram-se muitos sistemas e escolas filosóficas que apresentam sua concepção da Ética, colocando e explicando as suas referências, consistindo numa determinada metafísica ou mundivisão, defendendo as suas posições, e – muitas vezes –

¹ Para esta parte, e.o. cf. VALLS, Álvaro L.M., **Da Ética à bioética**. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

² HERMANS, W. G.H., **Ética, Ensaio sociofilosófico**. Brasília: Editora OAB, 2004, p. 15.

impondo os seus pontos de vista como os únicos que têm validade e que devem ser, por isso, considerados paradigmáticos. Alguns destes sistemas e/ou referências superaram a individualidade ou subjetividade, como também a temporalidade de uma época ou cultura, sempre determinada e determinante, e suas teses ainda se apresentam hoje, em alguns casos com bastante vigor.

Seguindo uma linha clássico-cristã³, propõe-se neste estudo uma referência, que pode ser apresentada e explicada nos seguintes termos. Sendo a ética a uma reflexão sobre o agir humana, isto quer dizer aquele agir em que o homem se afirma como tal, um ser distinto de outros seres, com características essenciais próprias, fica claro que ela trata do agir enquanto racional. Conforme a explicação clássica, isto indica aquele agir em que está presente tanto a liberdade – a capacidade de escolha –, quanto a consciência – o saber o que se está fazendo e por que razões. Esta liberdade e consciência, por sua vez, nos levam ao conceito da responsabilidade, tanto pessoal como universal.⁴ Nessa perspectiva impõe-se a necessidade da formação humana como pessoa livre e consciente, que possa assumir a sua responsabilidade de construtora da história.

Em outras palavras: o agir verdadeiro e caracteristicamente humano deve ser sempre positivo, no sentido de construtivo; deve levar à construção de uma consciência cada vez mais crítica e a uma liberdade cada vez mais plena.

É nessa perspectiva que podemos afirmar com Manfredo Oliveira:

A ética emerge como a ação destinada a superar o mal e a conquistar a humanidade do homem enquanto ser livre: a Ética é a mediação da humanização da vida humana, isto é condição da possibilidade da efetivação da liberdade no mundo.⁵

Ou com Bernard Häring: “Só poderemos ser livres se, juntos, encarnarmos a liberdade em tudo o que diz respeito à nossa vida pessoal e nas estruturas da vida do mundo à nossa volta”.⁶

³ Protagonizada, entre outros, por Jacques Maritain nos seus vários estudos sobre a Ética.

⁴ Para uma revisão e visão contemporânea desta responsabilidade, cf. JONAS, Hans, **O Princípio Responsabilidade**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006. Cf., também, MANCINI, R. et alii. **Éticas da Mundialidade. O nascimento de uma consciência planetária**. São Paulo: Paulinas, 2000.

⁵ Cf. OLIVEIRA, Manfredo nos seus vários estudos sobre a Ética, como, por exemplo, **Ética e Racionalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

⁶ HÄRING, B. **A Lei de Cristo**. IIIv., São Paulo: Herder, 1961.

II. Bioética.

II. a O surgimento de uma nova situação do mundo.

A Bioética nasceu no contexto da modernidade, que desafia pelos problemas novos, nunca vistos antes, e que marcam a nossa época. Manfredo Oliveira fala neste contexto de:

I. Uma nova concepção da racionalidade, marcada

- pela civilização técnico-tecnológica
- por uma desproporção, para não dizer um abismo, entre critérios morais e o poder;
- por mudanças incisivas, caracterizadas pela intervenção no processo genético;
- por uma mudança de perspectiva na concepção da técnica: de meio, como na cultura clássica, ela se tornou, para a nossa cultura e civilização, um fim.

II. Uma nova configuração das relações internacionais dominadas

- pelas teorias econômicas, cujo centro de referência é constituído pelo mercado, que se constitui como um grande paradigma da vida humana e que conduz a uma mercantilização universal; pela tecnologia da informação, que faz parte da nova estrutura mundial e conduz, e.o., à uma globalização da violência;

III. Um pluralismo, causado, e.o., pelo fenômeno da urbanização geral, que acontece no mundo inteiro, causando uma enorme variedade de valores e atitudes.⁷

Todo este contexto foi sentido de uma maneira intensa na época dos anos setenta, quando o desenvolvimento científico, tanto nas ciências médicas, como nas físicas, biológicas e cibernéticas deixou claro que novos dilemas éticos estavam surgindo. Perguntas novas, suscitando interrogações e inquietações que, por exemplo, a “chamada ética médica”, no seu campo particular, não soube responder. Ou dito de uma forma diferente: as Éticas clássicas e modernas não conseguiram “enquadrar” as novidades nos seus esquemas de reflexão. Sintomática é a retomada da pergunta, já tão refletida na história do pensamento

⁷ Cf. OLIVEIRA, Manfredo de. **Desafios da ética contemporânea**. Conferência proferida no IV Simpósio de Filosofia “Ética na Contemporaneidade, 13 - 16 de maio de 2008.

humano, “O que é ser humano”, diante da problemática da reanimação e do transplante, e mais ainda, nos dias atuais, diante da manipulação genética.

Neste contexto Buarque⁸ fala de dois sustos:

- um positivo, derivado da concretização das realizações técnicas atingidas nos cem últimos anos;

- um negativo, relativo ao fracasso da utopia das realizações técnicas que não corresponderam às melhoras esperadas na vida da maioria dos seres humanos.

Exemplificando, pode ser perguntado: a certeza de uma vida mais longa traz consigo a certeza de uma vida mais feliz? A geração de maior riqueza na nossa sociedade resolveu e/ou resolverá o problema da pobreza? Ou formulado em outros termos: a maior riqueza trouxe maior inclusão ou acentuou a exclusão? A energia nuclear com todo o seu manancial de potencialidades trouxe somente progresso ao mundo, ou os acontecimentos de Three Miles Island, 26 de março de 1979, e Chernobyl, 26 de abril de 1986, devem conduzir a uma avaliação crítica e objetiva? Quais as chances da - entre tantas outras alternativas - energia ou economia alternativa?⁹

II b Uma mudança de perspectiva(s)

Sem nenhuma dúvida pode-se afirmar, então, que há uma evolução em andamento para a qual a Ética clássica tradicional não tem resposta, ou a sua (e outras respostas) não satisfazem o homem contemporâneo.

Nesse contexto, então, assiste-se ao surgimento da Bioética. Ninguém é capaz de afirmar quando, como e com quem exatamente surge aquela **realidade** de uma nova aproximação e uma nova metodologia no estudo da problemática do mundo moderno, chamada hoje em dia Bioética. Quanto ao nome, divulgação, primeiros estudos com este título, a situação é diferente, e a justa honra deve ser dada às pessoas que se destacaram.

⁸ BUARQUE, **Da modernidade técnica à modernidade ética**. In: ASSAD, J.E.. *Desafios Éticos*. Brasília: CFM, 1993.

⁹ Cf., por exemplo, *REVISTA VEJA*, nº 270, 20 de julho de 2008, p. 152. **Usinas nucleares: de vilãs a grande esperança**.

Três pessoas¹⁰ podem ser indicadas como predecessores e pioneiros neste campo:

- O primeiro é o professor *Aldo Leopold*¹¹ que com a sua “Ética da Terra”, desenvolveu estudos sobre a conservação da vida selvagem, e através de suas críticas e sugestões colocou as bases para uma ética ecológica.

A Ética da Terra de Aldo Leopold constituiu uma crítica audaz e precoce do antropocentrismo, do otimismo tecnológico ingênuo, dos valores materialistas de uma sociedade voltada para o consumismo, inconsciente dos seus limites, ignorante de sua dimensão ecológica.¹²

Para Leopold, que no seu livro mais famoso *A Sand County Almanac* insiste na realidade da comunidade “biótica”, esta comunidade é constituída pela matéria orgânica e não orgânica e por todos os seres vivos. Consequentemente, para ele teriam legitimidade tão somente os comportamentos que não mexessem com o profundo equilíbrio que reina entre os seres no mundo natural, de que o homem é apenas “mais um” . Assim, a Ética da Terra.

[...] simplesmente amplia as fronteiras da comunidade para incluir o solo, a água, as plantas, os animais, ou coletivamente a terra. Isto parece simples: nós já não cantamos o nosso amor e nossa obrigação por causa da terra da liberdade e lar dos corajosos? Sim, mas que é o que propriamente amamos? Certamente não o solo o qual nos mandamos desordenadamente rio abaixo. Certamente não as águas, que assumimos que não tendo função exceto para fazer funcionar turbinas, flutuarem barracas e limpar os esgotos. Certamente não as plantas, as quais exterminamos, comunidades inteiras num piscar de olhos. Certamente não os animais dos quais já extirpamos muitos das mais bonitas e maiores espécies. A Ética da Terra não pode, é claro, prevenir a alteração, o manejo e o uso destes “recursos”, mas afirma os seus direitos de

¹⁰ Além destas três pessoas indicadas, podem ainda ser indicadas por causa do pioneirismo e profundidade de seus pensamentos a respeito da vida, o médico Albert Schweitzer, citado amiúde nos textos de Potter, e Teilhard de Chardin .

¹¹ Aldo Leopold (1887-1948) era um ecologista americano, guarda florestal e ambientalista. Durante 17 anos serviu na *United States Forest Service*, até assumir, em 1933 uma cadeira como professor na Universidade de Wisconsin.

¹² MARCOS, Alfredo. Site disponível na Internet: Qualia – a filosofia na esob. **Ética ambiental V**. “A Ética da Terra”. <http://qualia-esob.blogspot.com/2008/03/tica-ambiental-v.html>. Acesso, 20-05-2008.

continuarem existindo e, pelo menos em reservas, de permanecerem em seu estado natural.”¹³

A “Ética da Terra”, seguindo as linha indicadas por Leopold, e de acordo com as reflexões de Callicot que desenvolveu estas linhas, propõe como padrão moral a promoção da comunidade biótica na sua totalidade, isto é, todos os seres vivos. Na opinião de muitos, entre outros Pedro Galvão, esta teoria ou é extremamente contra-intuitiva ou é pura e simplesmente impraticável, e por isso tornar-se-ia inaceitável, não obstante a afirmação de Gallicot que

[...] a Ética da Terra é eminentemente praticável, já que, com referência a um único bem [“o bem-estar” da terra], é possível adjudicar pretensões individuais rivais e atribuir prioridades e valores relativos aos inúmeros componente da comunidade biótica.¹⁴

- O segundo personagem é o judeu alemão *Hans Jonas*¹⁵ autor conhecido não somente em razão de estudos, considerados clássico, sobre o gnosticismo, escritos enquanto aluno de Bultmann, mas sobretudo por causa de seus dois livros publicados no pós-guerra, *O Princípio Vida*, uma biologia filosófica, e *O Princípio Responsabilidade (1979)*, - em cujos livros se manifesta a influência de Heidegger de que foi aluno -. O mais conhecido é sem duvida o último; este se apresenta como um vigoroso ensaio sobre a civilização tecnológica e ao mesmo tempo como uma avaliação extremamente crítica da ciência moderna e de sua manifestação principal, a tecnologia. Diante dos desafios que esta civilização tecnológica e tecnocrata suscitam, Jonas trata os homens como cidadãos que precisam agir e precisam saber como agir. A ética “[...] tem que

¹³ LEOPOLD, A., **A Sand county Almanac and sketches here and there**. New York: Oxford, 1989, p. 204.

Em: GOLDIM, J.R., <http://www.ufrgs.br/bioetica/landethi.htm>. Acesso: 28 de junho de 2008.

¹⁴ GALVÃO, Pedro. **O Dilema da Ética da Terra**. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

¹⁵ Nasceu em Mönchengladback, na Alemanha, em 1903. Foi aluno de Bultmann e Heidegger - Jonas é considerado dos alunos de Heidegger aquele que apresenta a proposta mais sistemática de uma tentativa de fundamentar uma ética a partir da ontologia fundamental - e colega de estudos de Hanna Arendt. Por causa do nazismo deixa a Alemanha. Participa ativamente da II Guerra Mundial como membro da Brigada Judaica do exercito britânico, experiência essa que fez nele crescer a preocupação com a vida, que resultou nas suas posições éticas. Morreu em 1993.

existir. Ela tem que existir, porque os homens agem e a ética existe para a ordem das ações e para a regulamentação do poder de agir”.¹⁶

Mostra Jonas a necessidade de o ser humano agir com cautela e humildade diante do extremo poder transformador da tecnociência, porque através dela e de uma eufórica e acrítica atitude diante do progresso, o futuro da humanidade está ameaçado, caminha para a autodestruição até. Impõe-se, então, uma nova responsabilidade que vai além da pessoa como indivíduo, regulamentando as relações entre pessoas e focalizando o tempo atual, e assume contornos universais, talvez melhor chamá-los de coletivos: “A “ética do próximo” teria validade, ainda, nas “proximidades”; o futuro da humanidade no seu habitat planetário exigiria, todavia, uma “ética da responsabilidade”.¹⁷ Isto porque o novo continente da práxis coletiva que adentramos com a alta tecnologia ainda constitui, para a teoria ética, uma terra de ninguém.¹⁸

O princípio de responsabilidade pede que se preserve a condição de existência da humanidade e mostra a vulnerabilidade que o agir humano suscita, a partir do momento em que ele se apresenta ante a fragilidade natural da vida. O interesse do homem deve se identificar com o dos outros membros vivos da natureza, pois ele é a nossa morada comum. Nossa obrigação torna-se incomparavelmente maior em função de nosso poder de transformação e a consciência que temos de todos os eventuais danos oriundos de nossas ações [...]. A manutenção da natureza é a condição de sobrevivência do homem, e é no âmbito desse destino solidário que Jonas fala da dignidade própria da natureza. Preservar a natureza significa preservar o ser humano. Não se pode dizer quem o homem é, sem dizer o que a natureza também é. O que o imperativo de Jonas estabelece, com efeito, não é apenas que existam homens depois de nós, mas precisamente que sejam homens de acordo com a idéia vigente de humanidade e que habitem este planeta com todo o meio ambiente preservado.¹⁹

¹⁶ Apud SIQUEIRA, José Eduardo de. **Hans Jonas e a Ética da responsabilidade**. Site disponível na Internet: http://www.unopar.br/portugues/rev/fonte/v3/art7/body_art7.html. Acesso 31-01-2008..

¹⁷ BRÜSEKE, Franz Josef. **Ética e Técnica? Dialogando com Jünger, Heidegger e Jonas**. P.9

¹⁸ Cf. JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Capítulo V: A responsabilidade hoje e a idéia do progresso., Rio de Janeiro: Contraponto-Editora-PUC, 2206

¹⁹ SIQUEIRA, op. cit. p. 6.

- O terceiro nome é o de *Van Renselaer Potter*, o oncologista de Wisconsin, que é considerado o lançador da palavra “Bioética” (1970)²⁰ com o intuito de identificar as correções a serem aplicadas sobre a conduta a ser adotada em relação às ações antrópicas levadas a efeito sobre a vida na natureza como um todo, onde implicitamente se inclui o homem, e desta forma lançar uma “ponte” entre as ciências tecnológicas e os valores humanos. Potter estava preocupado com a crescente separação entre as ciências tecnológicas e os valores humanistas, por ele considerada de conseqüências negativas, até nefastas, para a humanidade, colocando em perigo até a sua sobrevivência. O desenvolvimento de uma ética de relações vitais, não somente dos homens entre si, mas deles com todo o eco-sistema estava no centro da sua atenção, acentuando destarte o compromisso com a defesa e a preservação de todas as formas de vida no planeta.

É neste sentido que Potter,²¹ no início, definiu a Bioética como uma ciência “ponte para o futuro” e “ponte entre várias disciplinas”, concepção esta que evoluiu para uma “Bioética Global”, - que abrangesse e englobasse tudo que diz respeito ao viver, incluindo, portanto, a saúde e a questão ecológica, ou nas palavras do próprio Potter “um sistema cuja missão é a definição e o desenvolvimento a longo prazo de uma ética para a sobrevivência humana sustentável” - e finalmente apresentada como uma “Bioética Profunda” – concebida por Peter J. Whitehouse e que incluindo de forma irrestrita as ações incidentes sobre a vida, a saúde e o ambiente como áreas de reflexão e atenções, pode ser considerada “como uma dimensão que explora a bioética mais profundamente que o puro empirismo, enquanto exige distinções interiores do certo e errado, que não são rapidamente quantificadas”.²² Sempre nas suas lidas com a Bioética, Potter deixou bem claro que

A perspectiva [...] foi desenvolvida a partir de uma tripla concepção evolucionista do ser humano, segundo o qual o homem é

²⁰ Em 1927 Fritz Jahr usou a expressão Bio=Ethik, numa obra **Bio=Ethik, eine Umschau über die ethischen Beziehung des Menschen zu Tier und Pflanze**. Kosmos, 1927, 24:2, cf.citação em artigo da autoria de ENGEL, Eve-Marie, **O desafio das biotécnicas para a Ética e Antropologia**. *Veritas*, 2004, 50 (2) 205-228.

²¹Cf. RENSELAER POTTER Van. **Bioética Global e sobrevivência humana**. Em: BARCHIFONTAINE, Chr.de P. e PESSINI, L. (orgs.) **Bioética, alguns desafios**. Anexo. São Paulo: Centro Universitário São Camillo/Edições Loyola, 2001.

²² Para a evolução do pensamento de Potter, cf. WHITEHOUSE, Peter J., **The Rebirth of Bioethics: Extending the Original Formulations of Van Renselaer Potter**. *The American Journal of Bioethics* 3(4):W26-W31. 2003.

sujeito ativo e passivo de uma evolução biológica, cultural e fisiológica. É no avanço da Biologia, na adaptação cultural e ética que o homem encontra possibilidades novas para sobreviver. É desta forma que nasce um paradigma biopsicossocial, no qual os condicionamentos genéticos e ambientais condicionam, por sua vez, a percepção e a evolução dos valores como em um circuito cibernético.²³

O grande desafio lançado por Potter consistiu em salvar a vida – não necessariamente da morte, mas da coisificação, da banalização e da instrumentalização – e promover a ciência.

II.c O desenvolvimento da Bioética²⁴

A visão abrangente da Bioética, porém, já foi “encurtada” no nascedouro pelo obstetra Hellegers²⁵, que ligou a nova ciência proclamada por Potter à saúde humana, concentrando-se nas áreas médicas e biomédicas, especialmente nas questões ligadas à vida e à morte – com todas as suas implicações, como por exemplo, transplante, reanimação etc. – isto é à saúde em sentido estrito. Este e outros contextos levam, em seguida, àquilo que se chama costumeiramente a segunda fase histórica da Bioética, caracterizada pela ênfase dada aos quatro princípios básicos, consagrados na obra clássica de Beauchamps e Childress, *The Principles of Bioethics (1979)*,²⁶ dois de ordem teleológica (beneficência e autonomia) e dois de ordem deontológica (não-maleficência e justiça). A partir de 1998 inicia-se a terceira e atual fase da Bioética, com suas características de uma ética aplicada, evolução originada na constatação de que a rigidez conceitual inerente ao principalismo não permitia levar em consideração as peculiaridades do contexto social, político, econômico e cultural de uma determinada sociedade.²⁷ Na opinião de Soares:²⁸

²³ SOARES, André Marcelo M., **De qual bioética estamos falando?** Site disponível em http://www.boell-latinoamerica.org/download_pt/DEQUALBIOETICAESTAMOSFALANDO... Acesso em 25-04-2008

²⁴ O contexto em que este estudo foi concebido e desenvolvido – o IV Simpósio de Filosofia do ITEP, realizado de 13 a 16 de maio de 2008 – não permite uma apresentação mais detalhada e aprofundada do desenvolvimento da Bioética.

²⁵ Ligado à Universidade de Georgetown, criou um *Instituto de Bioética*, fundado com o apoio da fortuna de Rose Kennedy, atualmente conhecido como *Kennedy Institute of Ethics*.

²⁶ A obra tem tradução portuguesa: BEAUCHAMPS, Tom L. e CHILDRESS, James F., **Princípios de Ética Biomédica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

²⁷ Muito importante neste contexto as palavras de LUIS ARCHER: *Apesar desta sua origem, a bioética transcende em muitos sentidos o âmbito, o discurso, os métodos e os objetivos da ciência, e encaminha-se para a discussão social. Muitas das novas tecnologias têm hoje conseqüências que ultrapassam em muito as relações médico-paciente e repercutem em áreas sociais que têm a ver com a economia, o direito, a psicologia, além da filosofia, teologia e outras. A gestão dos conflitos que podem*

Atualmente três problemas se impõem no cenário das preocupações bioéticas: 1) os limites do *principalismo*; 2) a necessidade de ir além da Bioética Clínica; 3) Os problemas inerentes ao *consentimento informado*.

Parece, entretanto, que na perspectiva de uma visão mais abrangente da Bioética, ela não deve ser considerada uma nova disciplina como muitas vezes se afirma. Os problemas ligados às novas conquistas excedem demais o único campo da reflexão filosófica universal por causa de suas imbricações com *n* outras ciências, e exigem ou pedem uma reflexão que excede um simples “sistema ético” como se conhece – e em que se encontram a inspiração e a fundamentação do agir humano - a fim de que, dialogando e procurando, se possa chegar a um mínimo aceitável para todos, sem que haja necessidade de trair posições fundamentais. Seria mais lógico vê-la como a procura de uma saída para o progressivo desequilíbrio criado pelo homem na natureza e para as implicações concretas para o homem das novas conquistas, especialmente no campo médico. Em consequência disto, assiste-se não somente a um retorno à preocupação inicial do projeto de Potter, o compromisso com a preservação da vida no planeta, mas também à pergunta: *quantas bioéticas existem, afinal?*

Não obstante a realidade atual da globalização, deve-se reconhecer que o modo de ser, viver e pensar – e consequentemente os problemas enfrentados – na América do Norte são diferentes do que se constata na Europa, e muito mais ainda, do que se presencia na América Latina. Um exemplo é a maneira em que são enfrentadas importantes interrogações que tratam da vida e da morte. Numa cultura uma das grandes preocupações é a eutanásia e sua prática, enquanto noutra a atenção se concentra no problema da mistanásia. E pode-se ir mais adiante: qual o interesse concreto, neste momento, para o continente africano na questão

*surgir dessas situações já não pode nem deve ser assumida pela classe médica, mas exige a participação de toda a sociedade e das suas várias especialidades profissionais. A bioética é resposta de toda a sociedade. Devido à introdução desta dimensão social, a bioética situa-se em zonas de intersecção de vários saberes, nomeadamente das da tecnociências (sobretudo a biologia e a medicina), das humanidades (filosofia, ética, teologia, psicologia, antropologia), ciências sociais (economia, politologia, sociologia, impacto social) e doutras disciplinas como o direito. [...] Este esforço de integração mútua faz da bioética um opositor frontal tanto do cientismo e tecnicismo (nos quais a ciência ou a técnica tendem a constituir-se como explicação global única) como dum filosofismo que desprezasse, no seu raciocínio, o conhecimento científico e técnico e lhe negasse autonomia. Em: **Donde veio e para onde vai a Bioética?** Site disponível no <http://www.www.informac.gov.mo/aam/portuguese/boletim/2/art2-2.html> - 19k - Acesso em 30-04-2008.*

²⁸ Op. cit. p. 3.

da clonagem, enquanto grassam fome, exploração, genocídio, injustiça, Aids e outros tantos problemas? E como se deve avaliar, para não dizer “julgar”, a diferente avaliação e aproximação de problemas morais nas culturas judaica, cristã e islamita, por exemplo, no caso do aborto ou da inseminação artificial?

Diante dessas interrogações - e muitas outras existem por aí, cuja enumeração levaria bem longe - ganha força o sentido original da palavras *Bio-ética*, *Ética da vida*. E com a palavra “vida” indica-se toda aquele sentido complexo que ela possui e invoca na mente das pessoas: vida antes de nascer, depois do nascer e no crepúsculo do viver. Aí acumulam-se os grandes problemas e as grandes questões que significam, sem dúvida, um contexto plural por causa da diversidade moral que existe em princípio e de fato; como dialogar num entendimento intersubjetivo mostra-se uma tarefa necessária e ingente. Neste contexto é, sem dúvida, de grande interesse o artigo de Lepargneur, *Bioética da Eutanásia. Argumentos Éticos em Torno da Eutanásia*, em que o autor, entre outras coisas, afirma:

A agudização atual das discussões em torno da eutanásia não reflete apenas a perda de prestígio das antigas balizas da ética que apontava claramente a distinção entre o bem e o mal a partir de crenças religiosas, mas também os limites da própria medicina que tende a nos presentear ou possibilitar ou simplesmente prometer mais anos de vida e melhor saúde. Temos aqui um sintoma de um eventual distanciamento entre um progresso biotecnológico realmente assombroso, mas ameaçado de miopia, na medida em que começa a perder de vista o que é relevante, realmente bom para o ser humano, o que ele deseja com toda razão, o que lhe convém. Hirsch percebeu algo parecido ao escrever: “chegou a hora de abrir melhor, mais franca e democraticamente, o debate da oposição vivenciada entre um progresso científico e médico, cujos aportes e ativos ninguém contesta, e a dificuldade em perceber nele a finalidade humana”.²⁹

Esta discussão, como já se frisou entrelinhas, não quer dizer abandono das próprias convicções, mas entender o caminho que outros estão trilhando e descobrir possíveis pontos de contato. Isto fica demonstrado no fim do mesmo artigo:

“Enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós

²⁹ Disponível no site: <http://www.portalmédico.org.br/revista/bio1v7/bioeutanasia.htm>

recebida como libertação?” À pergunta de Freud ousamos responder: a fé religiosa constitui a incontornável valorização não apenas do sofrimento que todo mundo detesta e do qual tenta fugir, mas também da vida suave e vazia que se sente aproximar dolorosamente do seu ponto final e entrevê, enfim, a própria futilidade.³⁰

Outro exemplo de um maduro (e revolucionário) diálogo é aquele que se desenvolveu entre o Cardeal Carlo Maria Martini, e o bioeticista Ignazio Marino, cujos temas foram, entre outros, aborto, embriões, eutanásia, contraceptivos, Aids., e de que foi publicado, sob os cuidados de Sandro Magister, uma ampla reportagem na revista semanal “L’Espresso”, de 21 de abril de 2006. Eis algumas frases que chamam atenção:

Todos estamos maravilhados e pasmados, e por esta razão também gratos a Deus, por causa do formidável progresso científico e tecnológico destes anos, que permite e sempre permitirá mais e melhor prever a saúde das pessoas. Somos, juntos, também cômicos, como você disse, do grande poder que está nas mãos dos pesquisadores e dos cientistas e do firme assumir da responsabilidade que deve lhes permitir de sempre avaliar bem os riscos e as conseqüências do seu trabalho. Este sempre deve contribuir ao bem da vida e nunca ao contrário.

[...] Esta (a Igreja Católica) é chamada a formar as consciências, a ensinar o discernimento do melhor em cada ocasião, a oferecer as motivações profundas do agir bem. A meu ver não servem tanto as proibições e as respostas negativas, sobretudo quando prematuras, embora às vezes seja necessário saber pronunciá-las. Mas, antes de tudo servirá uma formação da mente e do coração para respeitar, amar e servir a dignidade da pessoa em cada uma de suas manifestações, com a certeza que cada ser humano é destinado da plenitude da vida divina e que isto poderá exigir também sacrifícios e renúncia.

Conclusão

Pelo caminho que se percorreu neste estudo ficou claro que a Bioética, a rigor, não se pode definir nos termos de uma disciplina nem de uma ciência, definindo com clareza seus objetivos e sua metodologia, e com uma delimitação clara de seus contornos, nem mesmo uma nova ética. A complexidade da *vida* faz com que ela se situe na intersecção de várias ciências, e especialmente da medicina e da biologia, tão ricas e

³⁰ Idem.

complexas nas suas especializações, das ciências humanas, nas suas diferentes ramificações, e de disciplinas que não são propriamente ciência, como ética, filosofia, teologia e direito. Manifesta-se, então, bem claramente a complexidade da Bioética, que é

[...] tríplice. Em primeiro lugar está na encruzilhada de um grande número de disciplinas. Em segundo lugar é o espaço de encontro, mais ou menos conflitivo, de ideologias, morais, religiões e filosofias. Por fim, ela é um lugar de importantes embates por uma multidão de grupos e interesses e de poderes constituídos do poder civil: associações de pacientes, corpo médico, defensores de animais, associações paramédicas, grupos ecologistas, [...] indústrias farmacêuticas, [...] biotecnologia em geral.³¹

Por isso a primeira exigência é a inter e transdisciplinaridade: o que indica, então, a necessidade de uma atitude dialogal como uma das características básicas da atitude bioeticista. Procurar juntos, tentar chegar a uma atitude aceitável para todos – embora talvez não contemplem tudo aquilo que este ou aquele modo de pensar e viver gostaria.³²

Para finalizar dois pensamentos de Francisco Bellini³³:

Quando procuramos fazer da terra um paraíso, como pode acontecer com o bio-reino onde se escondem os perigos de eugenia e cochila o sonho da imortalidade do homem, do *homo continuus*, e se nega a finitude, o resultado só pode ser o inferno. Justamente Popper com grande sentido da complexidade e da finitude da condição humana, reafirma os imperativos de uma ética e de uma política racionais: “Age para a eliminação dos males concretos, ao invés de realizar bens abstratos. Não mira realizar a felicidade por meios políticos. Tende mais a eliminar as misérias concretas [...] com meios diretos. [...] Não permita que os sonhos de um mundo perfeito te distraiam das reivindicações dos homens que sofrem aqui e agora. Nossos semelhantes têm o direito de serem ajudados, nenhuma geração deve ser sacrificada pelo bem das futuras, em vista de um ideal de felicidade que pode não se realizar jamais [...] Atingir a felicidade deve ser uma coisa deixada para os esforços dos indivíduos. (67)

³¹ HOTTOIS. **Bioéthique**. *G.Hottois e J-N.Missa. Nouvelle encyclopédie de bioéthique*. Bruxelles: De Boeck, p. 124-126 Citado em Schramm, Fermin Roland e BRAZ, Marlene, *Introdução à Bioética*. Site disponível em [mhtml:file:///E:\Bioética Introdução.mht](file:///E:\Bioética%20Introdução.mht). Acesso em 20-04-2008

³² Uma descrição desta atitude, entre outros, em KÜNG, Hans, **Uma Ética Global para a política e a economia mundial**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

³³ BELLINO, Francesco. **Fundamentos da Bioética**. São Paulo: Edusc, 1997.

A bioética está produzindo uma expansão na consciência histórica e uma explicação dos princípios morais e dos valores fundamentais. Considere-se o valor da vida que se estendeu da vida humana pessoal à animal, vegetal, cósmica até os respeito dos objetos e dos bens culturais, tornando a ética cada vez mais “biocêntrica”, em sintonia também com a nova visão da natureza, não mais reduzida a *res extensa*, mas entendida como um processo dinâmico e criativo do qual o homem é sujeito e objeto ao mesmo tempo.(71)

A Bioética tem como finalidade principal, então, uma autocrítica das ciências da modernidade, com uma ênfase especial na biologia – sobretudo no que diz respeito à manipulação genética -, a biomedicina e as questões cada vez mais alarmantes e desafiadoras da biologia do meio-ambiente. Estas ciências, portanto, estão intimamente ligadas ao futuro do homem na terra, e, por isso, a Bioética, como sua autocrítica, se apresenta como a ciência do futuro, no sentido de tentar descobrir e indicar pistas para a decisão da sociedade a respeito das ciências que lhe convêm. Neste sentido pode ser chamada como a manifestação e revelação da consciência pública da humanidade neste novo milênio, que começou de forma tão ameaçadora para todos.

**Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Doutor em Filosofia pela PUC-RS. LD em Filosofia Antiga pela UECE. Professor do ITEP e Coordenador de Pós-Graduação da mesma instituição. Professor do Curso do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. Membro do CEP da UECE e vice-presidente do CEP da ACO-CEC.

Fortaleza, março-abril de 2008.
Rua Ieda Pereira, 535
60821-570 Fortaleza
gerard@fortalnet.com.br